

Artigo

A poesia de resistência ao fascismo italiano: uma análise de Salvatore Quasimodo

Resistance Poetry to Italian Fascism: An Analysis of Salvatore Quasimodo

Igor Marangon¹ , Adriana Lins Precioso¹ , Luana Grassi da Silva¹ 

¹Universidade do Estado de Mato Grosso, Cáceres, MT, Brasil

RESUMO

Visa-se neste estudo analisar algumas das obras poéticas produzidas por Salvatore Quasimodo, no período do Fascismo Italiano (1922-1943), em oposição ao regime autoritário da Itália e à II Guerra Mundial e através do texto literário, identificar a especificidade na produção de poesia de resistência. Para isso, analisaremos os poemas Alle fronde dei salici e Milano, agosto 1943, publicados no livro Giorno dopo Giorno (1947). Para sustentação teórica desta pesquisa tomamos como ponto de partida os conceitos de literatura de resistência desenvolvidos por Alfredo Bosi (2002) e Ítalo Calvino (2001). Retomando a ideia da literatura como instrumento artístico-político, as análises apontam para a utilização da poesia como meio de organização e denúncia social, sobretudo em um período de ditadura e guerra, sendo a escrita quasimodiana uma lírica de resistência.

Palavras-chave: Poesia de resistência; Salvatore Quasimodo; Fascismo Italiano

ABSTRACT

This study aims to analyze some of the poetic works produced by Salvatore Quasimodo during the period of Italian Fascism (1922-1943), in opposition to the authoritarian regime in Italy and World War II, and to identify, through the literary text, the specificity in the production of resistance poetry. To do this, we will analyze the poems Alle fronde dei salici and Milano, agosto 1943, published in the book Giorno dopo Giorno (1947). For the theoretical foundation of this research, we take as a starting point the concepts of resistance literature developed by Alfredo Bosi (2002) and Ítalo Calvino (2001). Revisiting the idea of literature as an artistic-political instrument, the analyses point to the use of poetry as a means of social organization and denunciation, especially during a period of dictatorship and war, with Quasimodo's writing being a lyric of resistance.

Keywords: Resistance poetry; Salvatore Quasimodo; Italian Fascism

1 INTRODUÇÃO

Para além da função catártica e estética, a literatura pode desempenhar um papel político-social e influenciar a realidade em seu contexto. Quando marcada pelo autoritarismo, o papel da poesia e do poeta na sociedade ganha contornos específicos e culturalmente necessários para manutenção ou mudança de uma determinada ordem. É em contextos de despotismo que a literatura de resistência assume um papel social de denunciar uma realidade tirana e cultivar ideais democráticos.

Esta pesquisa visa analisar como transcorreu a poética em resistência do século XX, durante o regime Fascista na Itália, sob o governo de Benito Mussolini (1922-1943), sobretudo no período da Segunda Guerra Mundial. Para isso, nos ancoraremos nas poesias do italiano Salvatore Quasimodo, produzidas no período mencionado.

Apesar de ser premiado mundialmente, tendo sido agraciado com o Prêmio Nobel de Literatura, Salvatore Quasimodo ainda é um poeta pouco estudado pela academia. De origem italiana, fez parte do movimento literário hermético do período do *Novecento*, e posteriormente engajou-se na luta antifascista, tornando-se um dos mais famosos poetas de guerra, e publicando duas de suas principais obras: *Erato e Apollion* (1936) e *Giorno dopo Giorno* (1947). Para este estudo, analisaremos os poemas presentes neste último, que consiste na coletânea de publicações feitas pelo autor durante o conflito mundial e o regime totalitário italiano em jornais e revistas.

Ainda que seja um fator influente na construção da literatura contemporânea, a poesia de resistência tem sido negligenciada nos debates acadêmicos, seja pelo seu difícil acesso, ocasionado pela censura dos regimes ditoriais, ou por ser considerada uma literatura menor. Nesse sentido, retomar os estudos destes textos é possibilitar entre as gerações mais novas a divulgação de obras importantes de nossa história e recuperar a função social da poesia ao atribuí-la um peso de registro documental.

2 A POESIA NO AUTORITARISMO DO SÉCULO XX

No que concerne à literatura de resistência, é possível afirmar que sua produção está estritamente ligada à realidade e às práticas sociais do ambiente em que foi elaborada, sendo impossível dissociá-las. De outro modo, para compreender as obras, é necessário fusionar texto e contexto. Deste modo, a literatura dispõe de uma riqueza de possibilidades que transcendem o escrito e o tempo e torna-se um agente formador de uma reflexão crítica. Para Bosi (2000, p. 145), “a poesia resiste à falsa ordem, que é, a rigor, barbárie e caos [...] e resiste imaginando uma nova ordem que se recorta no horizonte da utopia”. Nesse sentido, comprehende-se a literatura, e sobretudo a poesia, para além de uma função escapista e alienante, concebendo nela uma percepção de denúncia social.

Na primeira metade do século XX, a arte como um todo é impactada pela Segunda Guerra Mundial (1939-1945), e o cenário literário é marcado por mudanças profundas, com foco na “relação conturbada do ser humano com o mundo que o circunda, este último como espaço de acontecimentos imprevisíveis e muitas vezes catastróficos” Santos (2013 p. 10). Nota-se, nos poemas datados das décadas de 1940 e 1950, a imagem de um mundo fragmentado, em que a arte assume uma função de buscar a ressignificação da sociedade, conforme defende Luft (2010). Esse período é marcado pela massificação cultural, manifestada na coisificação do mundo e das relações humanas. Na literatura, os versos ganham imagens de impacto profundo, que retratam a crueldade da guerra, com contornos brutalmente reais. É nesse contexto que a poesia se propõe representar a escória social e o papel da sociedade na construção de um mundo utópico e novo, com obras críticas e de intensa preocupação coletiva.

Na poesia da primeira metade do século XX, durante e após a guerra, os autores apresentam uma nítida negação da realidade e do mundo. Nota-se nos escritos uma desumanização da sociedade, resultando em um empobrecimento da linguagem,

que passa a versar muito mais sobre os conflitos, e menos sobre os sentimentos propriamente humanos. Com isso, os poetas da resistência buscam humanizar a sociedade por meio da literatura, enquanto resistem à enxurrada de ideias que abafam a poesia. Além de representar a estética do tempo, a literatura moderna almejava resistir à desumanização do homem. Para Bosi (2000 p. 149) “a poesia recompõe cada vez mais arduamente o universo mágico que os novos tempos renegam”. Sobre o papel de resistência da poesia, o poeta português Luís Quintais argumenta:

Há virtude e ética na poesia. Todos os tempos foram tempos de indigência, mas também de poesia. Resistir ao empobrecimento da linguagem. Resistir ao empobrecimento da experiência num mundo hiper-representado, esgotado, talvez estéril, o nosso. Resistir é uma tarefa inacabada de todos os tempos. Quintais (2012, p. única).

É por meio da linguagem poética que o escritor encontra uma saída para resistir e denunciar a opressão vivenciada no contexto histórico da obra. A opressão e a ideologia às quais o poeta é oposição deixam de ser somente fatores externos na obra e passam a ser internalizadas também pelo eu-lírico, que alerta o leitor sobre os problemas próprios do cotidiano. O autor, com a força de sua palavra, rompe o silêncio e propõe uma percepção conflitiva da experiência social, retomando os problemas não resolvidos da realidade em suas obras. Ao provocar perturbações, choques e incômodos, a obra conduz à necessidade de reavaliação das regras que regem a sociedade.

Calvino (2001, p. 1493), em seu ensaio datado de 1949, fala que a poesia de resistência tem um papel determinante no que ele chama de vivificação das pátrias, e destaca que é por meio de muitas delas que se encontram “a temperatura dos dias e os sentimentos de luta”. Desse modo, a poesia se une ao contexto social, valorizando a ruptura e a novidade, e transformando em versos a negação da realidade. Assim, começa-se a compreender o papel desempenhado pela poesia em contextos sociais autoritários. No totalitarismo, a arte é considerada inaceitável caso não possua

qualidades de cultura de massa, devido à necessidade de transmitir uma mensagem favorável ao sistema político.

Para entender a problemática da poesia produzida em contextos autoritários, é necessário observar o processo de ascensão de regimes ditatoriais nos contextos estudados. De acordo com Ginzburg (2010, p. 177), a historiografia moderna permite compreender que há um recorrente movimento na formação social das comunidades que favorece a naturalização e a aceitação da violência como instrumento a serviço das elites políticas. Esse movimento pode ser entendido como preservação de valores e costumes, posição ideológica e defesa de interesses da burguesia. Esse processo resulta numa construção de regimes políticos sustentados por guerras, torturas, coerções, ameaças e censuras, artifícios pelos quais se consolida a vida política, sob a premissa de defender a população de um inimigo maior e invisível.

A construção de Estados por meio da violência pode ser associada a uma ruptura, já que há um equilíbrio entre as possibilidades de ações opositoras e os mecanismos sustentadores do sistema autoritário. Com isso, quando o artista é atingido pela violência e pela exclusão de diferenças, é conduzido a uma relação de crise, não apenas com a situação problemática do meio, mas também com a linguagem. Conforme a ideia de Theodor Adorno (1988, p. 16), “os antagonismos não resolvidos da realidade retornam às obras de arte como os problemas imanentes da sua forma”. Desse modo, a poética do século XX desenvolve-se em variados termos estéticos e comportamentos dúbios, associados aos problemas de formação social e com as imprecisões das sociedades autoritárias, conforme afirma Cristiano Augusto Jutgla:

A diferença da poesia de resistência está no fato de sua complexa e inconstante relação com as demais forças literárias contemporâneas. Concretismo, neoconcretismo, práxis, processo, marginal, dentre outros tendências/movimentos, tem por motivadores o interesse em demarcar espaços no campo da criação e debates literários Jutgla (2013, p. 81).

A ideia de transportar a crítica ao autoritarismo político e social no fazer poético pode tornar-se problemática, já que a arte assume de maneira clara seu papel transgressor e coloca o poeta no papel de transgressor do sistema. No campo da construção poética, há a necessidade de idealizar uma linguagem compatível com a opressão e a frustração representadas. Recorda-se, por exemplo, que a viabilidade de circulação, editoração e trabalho reconhecido na imprensa, durante o governo de Benito Mussolini na Itália, estava estreitamente ligada à filiação ou à conduta política dos escritores

Levando-se em conta a necessidade de os poemas atingirem as massas e externar sentimentos populares, percebe-se que as poesias produzidas durante períodos autoritários tinham preferência por linguagem coloquial, além de buscar alternativas para driblar a censura. Escrever em meio ao cerceamento da liberdade criativa é um ato de resistência na medida em que a escrita e a comunicação são associadas aos interesses sociais. A censura na imprensa e na literatura busca criar mecanismos que inibam o surgimento de uma linguagem de resistência, proibindo palavras e expressões, tendo em vista seus efeitos sobre a população. A partir do momento em que entendemos o papel do autoritarismo e da violência na formação do Estado e da sociedade, surgem questionamentos a respeito de sua importância nas concepções literárias originadas posteriormente, como rupturas de gêneros tradicionais, capacidade expressiva de comunicação com a massa e a popularização da poesia.

3 SALVATORE QUASIMODO: O POETA DO SEU TEMPO

De acordo com Bosi (2002, p. 118), “resistência é um conceito originariamente ético, e não estético. O seu sentido mais profundo apela para a força de vontade que resiste a outra força exterior ao sujeito”. Em outros termos, resistir está associado a uma relação de valores e antivalores opostos entre si. De certo modo, este antagonismo surge de uma rebeldia contra um acontecimento ou fato, mas não se restringe

unicamente a um confrontamento armado, estendendo-se para outros campos de atuação, como, por exemplo, as produções intelectuais:

Nesse período, a palavra “resistir” tem seu sentido potencializado, inclusive pelas metáforas bélicas que transformam editores em partisans, livrarias e revistas em trincheiras, ou poemas em armas, incorporando aos atos culturais plus de sentidos, imersão na historicidade e formas de validação. Camargo (2004, p. 5).

Acerca da literatura produzida em um contexto político autoritário, podemos apontar os poetas italianos opositores ao fascismo, como Eugenio Montale, Giuseppe Ungaretti, Alfonso Gatto e Salvatore Quasimodo. Tamanha a importância e relevância de sua obra, Quasimodo foi laureado, em 1959, com o Prêmio Nobel de Literatura “por sua poesia lírica, que, com ardor clássico, expressa a trágica experiência de nossos tempos”.

Salvatore Quasimodo inicia sua carreira como escritor quando a Itália já estava sob o governo do Primeiro-Ministro Benito Mussolini, líder do movimento político autoritário que comandou o regime fascista em território italiano entre os anos 1922 e 1943, porém, sua poética só atinge uma consciência política anos mais tarde. Durante a década de 1940, enquanto o mundo assiste ao início da II Guerra Mundial, Quasimodo passa a defender a ideia de que a poesia deve sair da esfera aristocrática do privado e se interessar pelos problemas sociais e civis, na intenção de refazer o homem brutalizado pelos horrores da guerra.

As publicações feitas durante o conflito em jornais e revistas são reunidas e lançadas em 1947, no livro “*Giorno dopo giorno*”, que, segundo Prado (1970, p. 55), constitui “aquilo que devemos considerar como algumas das mais altas líricas de guerra e resistência já ouvidas no mundo”. Nela, o poeta denuncia abertamente o horror do conflito e carrega ainda mais no texto as angústias da dor e da morte, como no poema “*Alle fronde dei salici*”, escrito em 1945:

DOS RAMOS DOS SALGUEIROS

E como poderíamos cantar
com o pé estrangeiro sobre o coração,
entre os mortos deixados pelas praças
na grama dura de gelo, ao gemido
de ovelha das crianças, ao grito negro
da mãe indo ao encontro do filho
crucificado no poste do telégrafo?
Dos ramos dos salgueiros, como ex-votos,
até nossas liras penduradas
oscilavam de leve ao triste vento.

Quasimodo (1994. p. 97, tradução nossa).¹

“E como poderíamos cantar?”, pergunta o poeta em meio aos horrores da Segunda Guerra Mundial. O questionamento que abre o poema, propositalmente escrito no plural de modo a demonstrar a guerra como uma dor coletiva daquela pátria, percorre todos os versos, construindo uma mesma ideia. Constituído de uma única estrofe, e norteado pelo primeiro verso, o autor aproxima o poema à prosa.

Ao questionar “*E come potevamo noi cantare*”, Quasimodo remete ao 4º versículo do Salmo 137 da Bíblia Cristã, que narra a súplica dos judeus por cantar louvores a Deus durante o exílio na Babilônia:

Junto aos rios da Babilônia, ali nos assentamos e choramos, quando nos lembramos de Sião. Sobre os salgueiros que há no meio dela, penduramos as nossas harpas, Pois lá aqueles que nos levaram cativos nos pediam uma canção, e os que nos destruíram, que os alegrássemos, dizendo: Cantai-nos uma das canções de Sião. Como

¹ ALLE FRONDE DEI SALICI

E come potevamo noi cantare
con il piede straniero sopra il cuore,
tra i morti abbandonati nelle piazze
sull'erba dura di ghiaccio, al lamento
d'agnello dei fanciulli, all'urlo nero
della madre che andava incontro al figlio
crocifisso sul palo del telegrafo?
Alle fronde dei salici, per voto,
anche le nostre cetre erano appese:
oscillavano lievi al triste vento.
Quasimodo (1994. p. 97)

acantaremos a canção do Senhor em terra estranha?" Bíblia Sagrada (2019) Salmos 137, 1-4.

Na mitologia judaico-cristã, os salgueiros simbolizam tradicionalmente o sofrimento e a tristeza. Essas árvores, que floresciam ao longo dos rios da Babilônia, eram onde os judeus penduravam suas harpas como um gesto de silêncio e tristeza. De acordo com Prado, "nesse tempo de 'non parole', os poetas dependuram suas citaras, porque seria, mais do que inútil, ridículo tentar falar de amor a homens enlouquecidos pelos fermentos e filtros dionísiacos do ódio" Prado (1970, p.49). Tamanha é a dor sentida pelo poeta em meio à guerra que, à semelhança dos judeus exilados, já não se pode versar sobre as belezas do mundo.

O poeta se utiliza de figuras de linguagem, como a metáfora e a metonímia para evidenciar a desumanidade e a frieza da guerra. A metonímia "pé estrangeiro sobre o coração" reforça a repressão da invasão dos soldados nazistas às terras italianas. A metáfora também é utilizada ao associar o choro das crianças ao balido das ovelhas, animal que na mitologia judaico-cristã simboliza a pureza e o sacrifício, enquanto a imagem da mãe que caminhava ao encontro do corpo do filho remete à Maria, que encontra Jesus crucificado. O poeta contrapõe o choro da criança, relacionado ao gemido inocente da ovelha, com a dor do luto da mãe, associada à sinestesia "grito negro".

De maneira direta, o poeta conduz o leitor a uma reflexão quanto aos horrores causados pela guerra e pelo fascismo. Em meio à tristeza e ao caos, o que restara ao poeta senão pendurar sua lira e esperar o fim de tantos desastres? O sentimento de tristeza e impotência percorre a escrita. Em outros momentos, o poeta faz referências a fatos históricos como forma de denunciar os horrores do autoritarismo, tal como no poema "*Milano, agosto 1943*":

MILÃO, AGOSTO 1943

Em vão você procura entre o pó,

pobre mão, a cidade está morta.
Ela está morta: ouviu-se o último estrono
no coração do Naviglio. E o rouxinol
caiu da antena, alta no convento,
onde cantava antes do pôr do sol.
Não cave poços nos pátios:
os vivos não têm mais sede.
Não toque nos mortos, tão vermelhos, tão inchados:
Deixai-os na terra de suas casas:
a cidade está morta, está morta.
Quasimodo (1994. p. 103, tradução nossa)².

Neste poema, Salvatore Quasimodo alude aos bombardeios que devastaram Milão em agosto de 1943. As bombas, lançadas pelos Aliados, marcaram o início da ocupação do território italiano, que se estendeu até o fim da guerra, em 1945, com a rendição dos alemães. Quasimodo retrata a desolação que se seguiu aos bombardeios e expressa sua crítica ao nazifascismo, que, segundo ele, deveria ser eliminado. A dor expressa no poema não é um luto pessoal, mas uma tristeza compartilhada por Milão que jaz morta.

Apesar da dor e da destruição, os versos não são frios ou desprovidos de emoção, pelo contrário, são acompanhados de uma compaixão capaz de suavizar a dor e torná-la mais suportável. Segundo Prado:

Note-se, no entanto, que a veemencia apocalíptica da lucidez e do desmascaramento da inumanidade se faz acompanhar de uma aura de afeto que emulciona toda dor, embalsamando as estidencias de

² MILANO, AGOSTO 1943

Invano cerchi tra la polvere,
povera mano, la città è morta.
È morta: s'è udito l'ultimo rombo
sul cuore del Naviglio. E l'usignolo
è caduto dall'antenna, alta sul convento,
dove cantava prima del tramonto.
Non scavate pozzi nei cortili:
i vivi non hanno più sete.
Non toccate i morti, così rossi, così gonfi:
lasciateli nella terra delle loro case:
la città è morta, è morta.
Quasimodo (1994. p. 103)

voz, tornando perfumadas todas as pedras, tornando sempre evidente que a mesma alma, obrigada a inveitar e descascarar, continua fiel – fidelíssima – à grácil e leve ternura com que a todos quer abraçar, num hálito místico-metafísico. Prado (1970, p. 56)

A cidade cantada pelo poeta é uma cidade completamente destruída, sem a presença do grito humano, mas ainda assim possui um olhar lúcido e terno. A guerra é representada pelo “estrondo” que reverberou na cidade, sendo o último eco ouvido no “coração de Naviglio”. Naviglio, um canal que corta o centro de Milão, é usado como metonímia para representar a cidade como um todo. A guerra exterminou tudo, até mesmo “o rouxinol” que entoava seu canto antes do anoitecer no topo do convento. O canto da ave foi silenciado, assim como o poeta que não pôde versar em meio ao horror do autoritarismo e da guerra, nesses tempos de “non parole”.

Os versos quasimodianos apresentam uma fluidez e um ritmo de leitura que beira o prosaico, com uma linguagem comum e cotidiana, mas construída de maneira assertiva e densa. Os poemas são enriquecidos por figuras de linguagem capazes de transportar ao texto a mais pura sensação dos dias enfrentados na barbárie. A metáfora, por exemplo, é um recurso linguístico muito utilizado pelo poeta com objetivo de criar imagens profundas e eficazes no poema. O incômodo com os acontecimentos e os resultados possíveis da guerra são o cerne da poesia de Salvatore. Quasimodo produz uma linguagem poética própria, eficaz, plástica, cortante e profunda.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A poesia de resistência desempenha um papel importante na história da literatura mundial. As produções literárias destes contextos disputam espaço no campo político e histórico e constroem uma memória crítica pragmática para as futuras gerações, além de manter-se atual, visto que, pela sua linguagem e pela infinidade de interpretações, renova o pacto com novos leitores. Ainda que seus versos falem de um contexto histórico-temporal específico, possibilita um frescor capaz de inseri-los na

atualidade, permitindo o reconhecimento da violência cotidiana e da difícil construção da justiça social.

O século XX é marcado por grandes transformações sociais que impactaram diretamente o fazer poético no mundo. A consolidação de governos autoritários na Europa e a II Guerra Mundial provocam uma força opositora que modela uma nova concepção do papel da arte e do artista. O escritor deixa de ser um agente contemplativo e desinteressado e passa a disputar as narrativas políticas. A trajetória percorrida por esse estudo permite concluir que a literatura é um produto social pois é resultado das vivências em sociedade de quem a produz, sendo necessário ao crítico considerar também o contexto histórico-político em suas análises.

As análises dos poemas de Salvatore Quasimodo buscaram abrir espaço para uma visão semântica e semiótica, de modo a mostrar que a poética de resistência encarna funções históricas e sociais por meio da linguagem. Neste sentido, além da compreensão da mensagem que ela transmitia ao leitor de seu tempo, suscita a interpretação em um contexto contemporâneo.

Conclui-se, então, que a consciência e a ideologia política do autor deixam de ser fatores externos e tornam-se parte fundamental internalizada na poesia, modificando a estrutura e a estética do poema. A urgência de transmitir as denúncias do contexto histórico fez com que Quasimodo abandonasse o estilo vanguardista experimental e optasse por versos livres, de ritmo ágil, caraterísticos das literaturas moderna e contemporânea.

A necessidade de se comunicar com as classes populares ocasionou um abandono do refinamento linguístico e uma linguagem voltada ao prosaico e ao cotidiano. Essa renúncia a um aperfeiçoamento dos versos é fruto da desumanização da sociedade, que conduz a uma desumanização da linguagem, cabendo ao poeta humanizá-la.

A realidade político-social é contrariada pelo poeta que denuncia e coloca-se como agente transformador. A morte, a fome, a miséria e a desesperança do povo aparecem como temas comuns na poesia quasimodiana. As figuras de linguagem,

como metáfora, antítese e ironia se tornam, na poesia de resistência, elementares para transmitir as mensagens desejadas e driblar a censura imposta pelo regime fascista.

Portanto, a poesia é, por si só, uma arte de resistência e as análises apresentadas neste estudo mostram que no fascismo italiano ela foi utilizada como instrumento de organização, incitação e denúncia social. É em contextos autoritários, como a guerra e a ditadura, que a força catalisadora e vanguardista das obras se destaca e ganha peso. Quasimodo foi um personagem fundamental em sua pátria e revolucionário de seu tempo. Se a arte incomoda, questiona e faz refletir, ela é um fator importante de transformação social. A revolução é poética, e não existe resistência que se faça sem poesia.

REFERÊNCIAS

ADORNO, Theodor. **Teoria estética**. Lisboa: Martins Fontes, 1988.

BÍBLIA Sagrada. **Tradução oficial da CNBB**. São Paulo: Editora CNBB, 2019.

BOSI, Alfredo. **Literatura e resistência**. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

BOSI, Alfredo. **O ser e o tempo da poesia**. 6.ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

CALVINO, Italo. **La letteratura italiana sulla Resistenza**, in: Saggi 1945-1985. Milão: Mondadori, 2001. p. 1492-1496.

CAMARGO, Maria Lúcia de. **Resistência e Crítica. Revistas culturais brasileiras nos tempos da ditadura**. Revista Iberoamericana, Pittsburgh, v.70, n. 208-209, p. 891-913, jul./dez. 2004. Disponível em: <http://revista-iberoamericana.pitt.edu/ojs/index.php/Iberoamericana/article/view/5516>. Acesso em: 15 abr. 2022.

GINZBURG, Jaime. **Crítica em tempos de violência**. 2010. Tese (Livre docência em Literatura Brasileira) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2010. Disponível em: https://joaocamillopenna.files.wordpress.com/2015/03/tese-de-livre-docencia-jaime-ginzburg-a_copy.pdf. Acesso em: 20 out. 2021.

JUTGLA, C. **A Poesia de Resistência à Ditadura Militar (1964-1985): Algumas Reflexões**. eLyra: Revista da Rede Internacional Lyracompoetics, n. 2, 2013. Disponível em: <https://www.elyra.org/index.php/elyra/article/view/27>. Acesso em: 10 abr. 2022.

LUFT, Gabriela. **O poeta, o poema e a militância poética: a produção de Ferreira Gullar em Dentro da noite veloz** In: Inventário. Revista dos estudantes da Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal da Bahia. 7 ed. Salvador, 2010. Disponível em: <http://www.inventario.ufba.br/07/FerreiraGullarDentroDaNoiteVeloz.pdf>. Acesso em: 11 abr. 2022.

PRADO, A. L. A. **Itinerário poético de Salvatore Quasimodo**. Assis: Faculdade de Filosofia e Ciências e Letras de Assis, 1970.

QUASIMODO, Salvatore. et. al. **Discursos Prêmio Nobel: Vol. 1**, São Paulo: Companhia das Letras, 2014

QUASIMODO, Salvatore. **Tutte le poesie**. Milão: Mondadori, 1994.

QUINTAIS, Luis. **Inquérito Poesia e Resistência (Portugal)**. Instituto de Literatura Comparada Margarida Losa, 2012. Disponível em: <https://ilcml.com/inquerito-poesia-e-resistencia-portugal>. Acesso em: 15 jul. 2021.

SANTOS, Maria Clara Dunck. **A contracultura do segundo pós-guerra: um estudo comparativo entre a poesia marginal de Jack Kerouac e Nicolas Behr**. 2013. Dissertação (Mestrado em Literatura) – Universidade de Brasília, Brasília, 2013. Disponível em: <https://repositorio.unb.br/handle/10482/11957>. Acesso em: 11 abr. 2022

Contribuição de Autoria

1 – Igor Marangon

Doutorando em Letras pela Universidade do Estado de Mato Grosso (UNEMAT), mestre em Letras pelo Programa de Pós-Graduação em Letras (PPGLETRAS/UNEMAT) e graduado em Letras pela mesma instituição. Atualmente é docente no Centro Universitário FASIPE (UNIFASIPE), em Sinop-MT.

Universidade do Estado de Mato Grosso

<https://orcid.org/0009-0008-7800-6054> • igor.marangon@unemat.br

Contriuição: Conceituação, Escrita – primeira redação.

2 – Adriana Lins Precioso

Doutora em Letras pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho (UNESP). Professora Adjunta da UNEMAT - Universidade do Estado de Mato Grosso - Campus de Sinop. Vice-Coordenadora do PPGLETRAS - Programa de Pós-graduação em Letras. Coordenadora do grupo de Pesquisa: Estudos Comparativos de Literatura: tendências identitárias, diálogos regionais e vias discursivas.

Universidade do Estado de Mato Grosso

<https://orcid.org/0000-0002-4823-4020> • adrianaprecioso@unemat.br

Contriuição: Conceituação, Escrita – revisão e edição.

3 – Luana Grassi da Silva

Mestre em Letras, na linha de pesquisa Estudos Literários, pelo Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade do Estado de Mato Grosso (UNEMAT), campus de Sinop/MT.

Universidade do Estado de Mato Grosso

<https://orcid.org/0009-0009-9314-2211> • luana.grassi@unemat.br

Contriuição: Conceituação, Escrita – revisão e edição.

Conflito de Interesses

Os autores declararam não haver conflito de interesses.

Direitos Autorais

Os autores dos artigos publicados pela Lit&Aut/UFSM mantêm os direitos autorais de seus trabalhos.

Verificação de Plágio

A Lit&Aut/UFSM mantém a prática de submeter todos os documentos aprovados para publicação à verificação de plágio, utilizando ferramentas específicas, como por exemplo: Turnitin.

Editora-chefe

Rosani Ketzer Umbach

Como citar este artigo

MARANGON, I.; PRECIOSO , A. L.; SILVA, L. G. da. A poesia de resistência ao fascismo italiano: uma análise de Salvatore Quasimodo. **Literatura e Autoritarismo**, n. 44, e89211, 2025. DOI: <https://doi.org/10.5902/1679849X89211>. Disponível em: <https://periodicos.ufsm.br/LA/article/view/89211>. Acesso em: xx/xx/yyyy.